

mado por diversos autores que se ocuparam da Inconfidência. Oliveira Fagundes, nomeado advogado de defesa, procurou diminuir a culpabilidade de seus réus. Reconheceu que, de fato, tinham tido “a fatuidade de conversarem sobre o levante e conjuração contra a Real segurança e o Supremo Poder de S. Majestade e contra o Estado”, mas sua culpa devia ser atenuada porque não procuraram por meio algum dar execução a essas conversações, “não passando tudo de um criminoso excessó de loquacidade e entretenimento de quiméricas idéias, que se desvaneciam logo que se separavam”. “Fácilmente se conhece — concluía o advogado Fagundes à vista do processo — que nenhum deles, nem todos juntos eram capazes pelo seu ânimo, opulência e costumes, de conseguir que se executasse o que se conversava nos conventículos por leveza, insânia e loquacidade, sem a mais leve esperança e fundamento de o verem praticado” (pág. 51).

Resultado do processo foi a condenação à pena última dos Padres Carlos Corrêa de Toledo, Oliveira Rolim e José Lopes de Oliveira e ao degrêdo perpétuo do Cônego Luiz Vieira da Cunha e do Padre Manuel Rodrigues da Costa. A pena última, como é sabido, foi comutada pela Rainha d. Maria I.

Cremos desnecessário salientar o interêsse da divulgação dum documento desta natureza. Outros, muitos outros existem, por certo, nos arquivos de Minas Gerais, capazes de lançar novas luzes sobre fatos de nosso passado. Bem andou, portanto, o Museu da Inconfidência publicando êste primeiro volume de seu *Anuário*, como bem andarâ, estamos certos, prosseguindo no trabalho imenso a que se propôs.

#### ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\*

CORRESPONDENCIA DE CAPISTRANO DE ABREU. Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Instituto Nacional do Livro, Ministério de Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1954. 2 vols. (LVI + 446 pp.) (540 p.).

Mais um grande serviço acaba de prestar o ilustre historiador patricio José Honório Rodrigues às nossas letras, organizando a esplêndida edição da *Correspondência de Capistrano de Abreu* que o Instituto Nacional do Livro acaba de publicar e, pela qual só merece elogios e louvores.

Não seria, porém, apenas numa simples nota bibliográfica, numa simples resenha que caberia todo o bem que se deveria dizer desse empreendimento, nas páginas da *Revista de História*. O que caberia aqui fazer seria um estudo mais detido de tão importante quão interessante trabalho.

Não fôsse, pois, a afoiteza do prazer que sentimos em saudar e anunciar tal publicação, aqui nos alongaríamos no exame de todas as ricas facetas que ela apresenta. Um dia, com mais vagar voltaremos, talvez, ao assunto, pois que êle merece mais detido e aprofundado exame.

José Honório Rodrigues utilizou as cartas de Capistrano que se estendem, de 1880 até 1927, isto é, até o ano da morte do historiador, deixando apenas de aparecer, nesta edição, a seleção exigida pela

família de Capistrano, o que é de lamentar, como dá a entender o próprio organizador e excelente prefaciador desta publicação.

Por longo tempo — e isso foi objeto de muita discussão — as cartas de Capistrano de Abreu mantiveram-se sob sigilo e reserva na Biblioteca Nacional. O primeiro que teve a idéia de que aquelas cartas constituíam um riquíssimo e significativo repositório de interessantes e “curiosas particularidades do viver e pensar do escritor” e que poderiam “servir útilmente a quem um dia pretender traçar o perfil de uma figura de tanto prestígio entre os estudiosos” (p. IX), foi precisamente um dos correspondentes ao qual Capistrano escreveu as cartas mais vivas e cheias de humor: o historiador português João Lúcio de Azevedo. Ao doar as cartas de Capistrano de Abreu à Biblioteca Nacional, dizia êle o que acima citamos de sua carta a Mário Bhering, na ocasião diretor da Nacional. Por muito tempo, pois, opôs a família restrições à leitura de certas cartas de Capistrano e o próprio govêrno, a certa altura, quando ministro da Justiça, o Sr. Viana do Castelo, em 1928, baixava portaria no sentido de que se mantivesse reservada e sigilosa tal correspondência... E certo que reservado fôra sempre o historiador, sobretudo com os desconhecidos, embora êle mesmo afirmasse que “detestava a censura como a Inquisição...” (carta a João Lúcio de Azevedo, de 15 de novembro de 1916).

No entanto, a *Correspondência de Capistrano de Abreu* é, como diz José Honório Rodrigues, um acervo precioso, não só para a sua biografia, pois nela se vêem o seu método de trabalho e suas pesquisas, como também para a Historiografia brasileira. Nela opina sôbre cronistas, historiadores e escritores antigos e contemporâneos, estrangeiros e nacionais. Detalha também a vida e a política do Brasil contemporâneo entre 1870 e 1927. São depoimentos curiosos, astutos, às vêzes mordazes que revelam Capistrano como um analista inflexível da história contemporânea e um crítico implacável de sua quadra” (pág. XII), como quando, em 1911, em cartas a Calógeras, escrevia: “o termômetro da dignidade de poucos graus vai acima de zero: mas abaixo a graduação não tem fim”; ou quando, ainda, no mesmo ano, escrevia ao mesmo amigo: “há sobretudo um desbrío que aterra. Há uma voluptuosidade de louca, como não me lembro haver assistido igual. Será a falta de vergonha promulgada por Roscher para a geração que sucede a cada movimento revolucionário?” (págs. XVIII e XIX).

Oportuna é pois a “lição de história” que nos dá, em sua Correspondência o simpático “home” do Ceará, nestas cartas que escreveu a amigos, como profunda foi a lição que nos deu da história do Brasil nos seus livros principalmente nos *Capítulos*, nos *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, como nas *Confissões da Bahia* e nas *Denúncias de Pernambuco*, onde, como justamente observa José Honório Rodrigues, é agora o povo a personagem principal” (pág. XLIX).

“Quando Capistrano de Abreu apareceu na historiografia brasileira — escreve José Honório Rodrigues —, esta centralizava seu interesse especialmente nas comunidades do litoral. Êle viu o sertão e o caminho como processo de incorporação e de dilatação da fronteira ocidental: era um campo novo, um método de investigação e interpretação original da formação colonial do Brasil. O sertão e os caminhos são um fator de criação da vida brasileira. Insatisfeito com as histórias puramente políticas que mutilam a unidade huma-

na, êle não divide com sua geografia e economia aprendidas dos alemães, o suceder histórico. Ao estudar a ocidentalização do Brasil, estava particularmente interessado em achar aquilo que a distinguiu da velha civilização européia. O sertão e o caminho são ilustrações dos processos de desenvolvimento da história brasileira. O verdadeiro ponto de vista da história do Brasil não é a costa atlântica, mas o sertão e o caminho que a êle conduzem e o articulam com o Governo Geral. No processo de transformar o sertão, o colono a princípio se barbariza e depois êle próprio e o sertão se alteram e, nesta mudança, cria-se uma nova personalidade, que é distintamente brasileira” (pág. LIII).

Era Capistrano, um pessimista? Aparentemente era. Mas quem disse, como êle, “*amo, admiro o Brasil e espero dêle*”, poderia ser, verdadeiramente pessimista?... Poderia mal querer o Brasil, quem passou sua vida à procura de decifrar-lhe os segredos, a estudar-lhe a história?...

Não é de admirar, pois, no historiador dos *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* aquela ternura por São Paulo que o levaria a dizer, em carta ao Barão do Rio Branco, de 1890, que “*gosto tanto de São Paulo, que acredito ter nascido lá...*” E’ que êle, como São Paulo, sempre andaram à procura dos segredos do Brasil...

J. CRUZ COSTA

\*

Recebemos e agradecemos o envio das seguintes publicações:

- Abreu (J. Capistrano de). — *Capítulos de História Colonial — 1500-1800*, 4a. edição revista, anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues, Rio de Janeiro, Livraria Briguiet, 1954.
- Açoreana, V. V, Fasc. II, Angra do Heroísmo.
- Acta Salmanticensia. — Luiz L. Cortés y Vasquez, *El Dialecto Galaico-Portugues Hablado en Lubian (Zamora)*, *Filosofia y Letras*, T. VI, n. 3, 1954, Universidad de Salamanca; Miguel Cruz Hernandez, *Francisco Brentano*, T. VI, n.º 2.
- Almeida (Luís Ferraud de). — *Informações de Francisco Ribeiro sobre a Colônia do Sacramento*, Coimbra, 1955.
- Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense, Florianópolis, v. II, 1950.
- Anhembí, 1954
- Annales du Midi, Toulouse, n.ºs 13 a 28, 1951 a 1954.
- Anthologia Anua, Publicaciones del Instituto Español de Estudios Eclesiasticos, Roma, 1954.
- Anuário da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1939-1953.
- Anuário do Museu da Inconfidência, Ouro Preto, 1952.
- Ardao (Maria Júlia) e Castellanos (Aurora Caspillas). — *Bibliografía de Artigas*, Montevideu, 1953.
- Arquitetura, Pôrto, n.ºs 50, 51.
- Arquivos de Angola, Loanda, v. IX, n.ºs 35, 36, 1952.
- Arquivo de Beja, v. XI, 1954.
- Arquivo do Distrito de Aveiro, Aveiro, n.ºs 76, 77, 78, 1953, 1954.